

CIDADE COMO ATOR DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO MOMENTO DO ANTROPOCENO¹

Philippe Plas²

RESUMO

O homem tornou-se um grande ator na transformação do equilíbrio natural do planeta. Essa mudança foi tão significativa ao ponto que o químico Paul Crutzen introduziu uma mudança na era geológica. Atualmente, o *Holoceno* foi substituído pelo *Antropoceno*. Desde a Cúpula da Terra, no Rio de 1992, o mundo envolveu-se em lógicas de governança global que demarcam esses processos de mudanças. Os acordos, princípios e discursos desenvolvidos a partir desse período não correspondem às realidades e, mais do que a uma abordagem de substituição das energias renováveis às energias fósseis, observa-se um fenômeno de adição de novas energias em um contexto global de crescimento considerável do consumo energético mundial. A mudança cultural deve ser produzida na cidade, que é o lugar onde as normas culturais são criadas, podendo desempenhar um papel importante nesse contexto de mudanças globais.

ABSTRACTS

Man has become a major actor in transforming the natural equilibrium of the planet. To the point that the chemist Paul Crutzen introduced the idea of a change of geological era. The *Antropocena* now replaces the *Holocena*. Since the Earth Summit in Rio in 1992, the world has engaged in global governance logics of these processes of change. This agreement of principle and discourse does not correspond to the realities and more than to an approach of substitution of the renewable energies to the fossil energies one observes a phenomenon of addition of new energies in a global context of considerable growth of the world energy consumption. Cultural change must occur and the city where cultural norms are invented can play a major role in this context

¹ Artigo traduzido por Vanderlúcia da Silva Ponte, a quem agradeço enormemente pela gentileza e colaboração.

² Maître de conférences em sociologia, Université Paris 13 Sorbonne Paris Cité, (Centre d'Etudes et de Recherche sur l'Action Locale) Responsável pelo Mestrado 2 em Ciências Sociais e políticas : Conselheiro das Coletividades Territoriais pela Estratégia do Desenvolvimento Sustentável e Professor Visitante do NUMA/UFPA

O *Antropoceno* é um conceito recente. Foi proposto, em 2000, em um simpósio sobre a Geosfera e a Biosfera, em Cuernava, no México, pelo Nobel Paul Crutzen, químico da atmosfera. Ele bem precisou seu pensamento em 2002, em um artigo da revista Nature (CRUTZEN, 2002). Depois o debate foi amplamente aberto entre geólogos, químicos da atmosfera, climatologistas, etc. Obviamente, que neste artigo não irei responder diretamente a as questões abordadas em seu artigo, uma vez que esse tema não corresponde a minha competência acadêmica.

Uma das principais questões do debate, que Paul Crutzen levantou, diz respeito a definição precisa sobre a data da nova era. Ele propõe, por exemplo, a data simbólica de 1784, quando o Inglês James Watt apresentou sua patente sobre o motor a vapor. Esta proposta permite-nos considerar o conceito do *Antropoceno* como um conceito sociológico (LATOURET, 2015), para além do que apontou Paul Crutzen, e examinar como este conceito pode ser útil para o desenvolvimento da abordagem sócio histórica, que é minha abordagem de interesse.

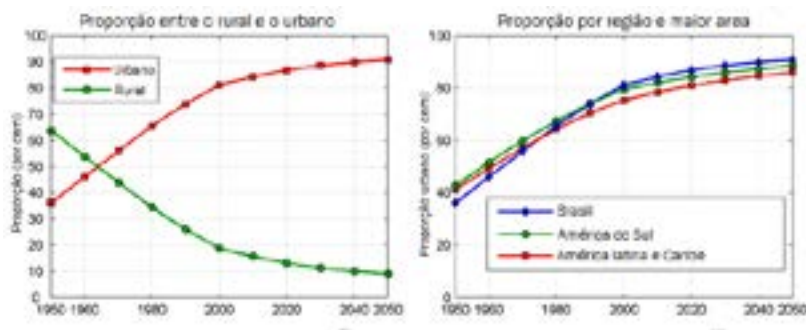
Mas se é de fato uma nova era, é importante enfatizar uma coincidência interessante: o Holoceno há 10.000 anos atrás, correspondeu a revolução neolítica, o advento da agricultura e às culturas rurais também. O *Antropoceno*, portanto, corresponde ao fim do mundo rural e o advento do mundo urbano.

O ponto de nossa reflexão é de partida o espaço urbano como uma área cultural e política. Minha hipótese é que este é o lugar onde as transformações do mundo são construídas.

CIDADE ATOR NA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL

Cidade é evidentemente um ator importante na problemática ambiental. Por muitas razões fundamentais. A mais óbvia é, claro, diz respeito ao fenômeno do crescimento urbano exponencial que a humanidade conheceu há mais de dois séculos. Os primeiros fenômenos são concentrados na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, mas atualmente, afeta todos os continentes e todos os países do mundo. Pode-se dizer que o *Antropoceno* é principalmente um "*polis-toceno*", o que significa dizer, que a cidade ocupa um lugar especial, pois desempenhou e desempenha um papel cada vez mais importante. Este fenômeno manifesta-se em todos os lugares e, no Brasil, de acordo com Santos (1993), mais que em outros lugares, é, sem dúvida, o país do mundo onde o crescimento urbano tem sido mais exponencial. No início do século XX apenas 9,4% da população brasileira vivia em cidades. Esse percentual era de 36% em 1950, quando o crescimento acelerou ainda mais. A figura 1, a seguir, demonstra claramente isso.

Figura 1 : Evolução da população do Brasil



Fonte: United Nations Population division/DESA 2014.

Mas, mesmo que o trabalho de mensurar o impacto exato das cidades sobre o ambiente ainda pareça ser muito baixo, é certo que o seu impacto ambiental é considerável, por exemplo, no que diz respeito à poluição, mais de 70% de dióxido de carbono é emitido nas áreas urbanas, em contrapartida a um percentual de apenas 52% da população mundial das cidades. Esquemáticamente, os impactos urbanos são principalmente de três tipos. Em primeiro lugar, a apropriação de terras, em segundo lugar, a concentração do consumo das reservas de energia e, finalmente, a poluição. Como resultado, mais do que as escolhas feitas pelo Estado, a escolha do desenvolvimento urbano, nos próximos anos, será feita levando em consideração a perspectiva da evolução do *Antropoceno*.

Na verdade, é necessário enfatizar que a escolha do desenvolvimento é feita a partir de uma escolha política e o *Antropoceno* emerge em uma era política. O desenvolvimento, ao contrário do que muitas vezes é dito, não é principalmente um processo econômico, mas um processo cultural e político. É óbvio que a história mostra exatamente o contrário. Este foi o caso em todas as épocas, mesmo que as empresas às vezes tenham curta e seletiva memória, porque os homens pensam sempre que eles vivem uma realidade de ruptura com o passado e que eles existem em um tempo excepcional, pois tendem a achar que determinadas épocas passadas são melhores que as épocas vividas atualmente. Mas nunca é completamente verdade essa ideia, uma vez que a sócio história pode nos ensinar muito sobre o nosso presente se nós quisermos que ela seja tão especial. Alguns exemplos serão suficientes para entender essa lógica.

Desde a Cúpula da Terra, no Rio, em 1992, um consenso global tem gradualmente instalado a questão da "transição energética" como um imperativo categórico para os Estados e, especialmente, para as cidades. Este conceito geralmente não é questionado, no entanto, merece ser analisado. Ele ilustra perfeitamente o esquecimento a que me referi anteriormente. Com efeito, esta transição de energia está longe de ser a primeira que existiu na história. A história da revolução industrial seria de fato marcada pela "transição energética" sucessiva. As abordagens "technocentristas" pensam que nós podemos observar os recursos de energia de forma sucessiva como: madeira de carvão, petróleo, energia nuclear e hoje energia renovável. Note-se também que, em certo sentido, a fonte de energia mencionada em primeiro lugar, como a madeira, já era há muito tempo um recurso renovável. No entanto, a ideia de transição energética é enganosa e representa uma ilusão. A história da energia que os especialistas nos falam é, de fato, em grande parte falsa ou inexata, uma vez que não corresponde à realidade. Ela implica a ideia de substituição de uma energia por outra, mas isso não é verdade. Mas, a verdadeira realidade história de energia é muito diferente. Ela é mais uma adição de energia que uma substituição (MITCHELL, 2011). Para apenas mencionar um exemplo da passagem do carvão ao petróleo: o petróleo no século 20 ocupou um lugar proeminente, que correspondeu a 5% da energia global planetária, em 1910, mas em 1970 correspondeu a 60% dessa energia. O carvão, de fato, perdeu sua proeminência. Mas quero chamar atenção para seu valor relativo, pois para medir realmente a evolução do consumo de energia, é de facto necessário considerar o aumento global do consumo de energia e assim, a partir desta perspectiva, descobrir que um consumo de carvão deste século tem crescido de forma extraordinária, pois em 2014 se comprova que jamais se consumiu tanto carvão como nesse ano! Portanto, não houve substituição do carvão pelo petróleo, mas uma adição do petróleo em relação ao consumo do carvão.

Hoje o mesmo fenômeno é observado no caso das energias renováveis como: a solar, eólica, biomassa etc. A participação da energia renovável em seu conjunto aumenta certamente em nível mundial e muito em determinados países como, Alemanha e Portugal,

por exemplo. Em 2014, uma proporção das energias renováveis no consumo global de energia ascendeu cerca de 20%. Isso demonstra que a transição energética produziu um nível de satisfação elevada aos líderes políticos nos principais fóruns globais, mas essa satisfação não corresponde aos dados concretos da realidade, porque ao mesmo tempo que se desenvolve estas energias renováveis, o consumo global de energia aumenta de 48% desde 1990. Nesse período, o consumo de petróleo aumentou de 3.410 tep para 4.216 tep, isso corresponde a um aumento de 25% e para o carvão um aumento de 2.225-3.258 tep, que equivale a um aumento de mais de 46%! Assim, a história se repete e, mais uma vez, vemos o fenômeno da energia sendo adicionado em vez de substituído.

Neste contexto, o desenvolvimento urbano desempenha um papel crucial. Em primeiro lugar, como já vimos, absorve muita energia, pois contribui de forma significativa para a produção de gases de efeito estufa, resíduos de todos os tipos, sacos de plástico para smartphones (em 2014, 42 milhões de toneladas de lixo eletrônico foram produzidos e apenas 6 % foram reciclados como: ouro, cobre, zinco, entre outros. Essa produção corresponde ao valor de R\$ 48 milhões de euros), tendo por consequência um desenvolvimento considerável de toda a poluição.

Com efeito, é a cidade que materialmente contribui massivamente para a degradação ambiental do planeta. Mas, paradoxalmente, sua principal responsabilidade é outra. É cultural, ideológica e política. Para entender a responsabilidade da cidade deve-se considerar os elementos que são a base dessa degradação ambiental. Neste contexto, o principal perigo é o que pode ser chamado de reducionismo tecnológico. Tecnologias de isolamento e seu desenvolvimento em um sistema quase autônomo é, obviamente, feito de desenvolvimento de energia e as seus efeitos nefastos associadas a um fenômeno quase mecânico, independente das escolhas humanas. A partir da transição do motor a vapor para o motor de combustão interna, da eletricidade ao smartphone se sucedem uma série de mudanças científicas e técnicas. Essa transição condiciona diferentes formas de organização social. Finalmente, isso corresponde a lógica de Marx, quando ele afirmou que há uma primazia das forças produtivas. Nessa perspectiva, a relação entre força produtiva e organização social é insuficientemente analisada.

Para Marx, o modo de produção capitalista estava prestes a desaparecer porque emergiu em contradição com o desenvolvimento das forças produtivas (MARX, .) Atualmente, posso dizer, que a história da ciência e da tecnologia é uma fábula! O desenvolvimento da ciência e da tecnologia é principalmente o resultado da escolha econômica, cultural e política. Para entender isso, vou continuar colocando o exemplo significativo do crescimento do petróleo para o consumo de energia global no século XX.

Ao longo do século XX, o petróleo é mais caro do que o carvão, na Europa e muito mais nos EUA. Por que, então, razão ele passa de 5% da energia global em 1910, para mais de 60% por volta de 1970? A explicação é essencialmente política e social não técnica e nem científica. Esta é a grande diferença entre o modo de produção social destas duas fontes de energia. O carvão demanda pouco capital e muito trabalho, enquanto o petróleo consome mais capital do que trabalho. No século XIX, os mineiros lideraram o movimento operário. A literatura exalta o gesto dos denominados "gueules noires"³ como em "Germinal", o livro de Emile Zola. Eles são a fonte de poderosos movimentos sociais. Eles podem fazer a greve e bloquear de forma muito eficaz a indústria de fornecimento de energia. Do ponto de vista político, este é um problema sério. Em face dessa situação uma primeira solução no contexto da democratização das sociedades ocidentais no final do século XIX surge, é quando uma série de reivindicações emergem para atender as demandas desses trabalhadores, reduzindo assim o número de violência e conflito,

³ Gueules noires é uma expressão popular conhecida na França para identificar os trabalhadores das minas de carvão que ficam com os rostos negros durante sua jornada de trabalho nas minas.

embora a ameaça ainda possa permanecer. A segunda solução é encontrar uma energia alternativa socialmente menos arriscada do ponto de vista político. Essa solução será o petróleo.

Os Estados Unidos vão realizar o esforço para o aumento da produção do petróleo com a subvenção do Estado. Após a segunda guerra mundial, com forte orientação dos países europeus, o plano de ajuda Marshall será o de desenvolver a indústria de petróleo. Refinarias foram construídas e metade dos suprimentos de petróleo para a Europa foram concedidos através da criação de fundos a partir do Plano Marshall. Essa intervenção tinha como objetivo enfraquecer os mineiros e seus sindicatos. Lembre-se que na França, em 1947, eles estavam na vanguarda das greves quase insurrecionais. Além disso, essas uniões eram suspeitas de constituírem-se em uma máquina de guerra dos partidos comunistas europeus, muito poderosas no momento, correspondendo a 25% do eleitorado na França, sobre a influência da União Soviética, que à beira da guerra fria tinha uma influência com risco político significativo. Esta situação está longe de ser uma evolução tecnológica independente.

Como segundo exemplo, abordarei a escolha da energia nuclear na França. Esta escolha será feita pelo Plano Messmer, em 1974, o então primeiro-ministro, inclui a construção de 4 a 6 reatores por ano até 1985. A Empresa Nacional de Eletricidade da França (EDF), empreiteira, que decidiu equipar aproximadamente três milhões de habitações com aquecimento elétrico doméstico até o ano de 1985. Hoje a energia nuclear representa 80% do consumo de eletricidade na França. Esta escolha é principalmente política. Isso é para garantir a independência energética da França. A quadruplicação dos preços do petróleo pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), em 1973, certamente vai representar um problema econômico a médio prazo, mas a longo prazo será, sobretudo, na França, um choque político que revela, atualmente, a grande dependência política da França da questão energética. A partir desse momento, todos os governos da direita e da esquerda vão repetir essa orientação, mas essa questão aparentemente econômica de escolha científica são, de fato, uma escolha política.

O mundo em que vivemos é um mundo urbano. Não só porque a humanidade como vimos se concentra cada vez mais em cidades, mas também e, mais importante, porque a cidade é também um lugar de inventar, e por um longo tempo, do modo de vida.

Quando Henry Lefèbvre, há quase 50 anos, teve a intuição de construir o conceito de "Sociedade Urbana", ele me revelou o que eu escrevi anteriormente, que a cidade é um lugar de invenção. Assim, posso dizer que a cidade, como um lugar do modo de vida, impõe suas normas sociais, comportamentais, culturais para toda a sociedade. Hoje, na era da globalização essa afirmação está se tornando mais óbvia, mas é uma verdade profundamente enraizada ao longo da história. As estruturas fundamentais do mundo ocidental atual se estruturaram e nasceram nas cidades. Elas sempre orientaram o curso da história. Poderíamos retornar à época das "Polis", que inventaram a democracia grega ou Romana, "Urbs", por excelência. Essa discussão é interessante, mas não poderei aprofundar este debate no âmbito deste artigo.

Voltando um pouco mais no tempo e observando um dos vectores essenciais do capitalismo mundial contemporâneo, podemos ver que seu surgimento e sua construção são fenômenos essencialmente urbanos. A primeira etimologia indica-nos. A palavra "bourg-eois" é o habitante da aglomeração da cidade nos tempos medievais. Mas, além disso, historiadores como G.Duby, J.Legoff ou Fernand Braudel em seu monumental "civilização material e Capitalismo, Séc.XV e Séc. XVIII" (BRAUDEL,1986) vão mostrar como emergiram, no contexto urbano, uma série de práticas que se articulam de

forma particular. Essas práticas irão gradualmente produzir um novo modelo de organização econômica e social. Podemos discutir o renascimento de alguma forma de democracia, pois as cidades são conduzidas por faculdades notáveis. O desenvolvimento e organização de intercâmbios, incluindo a criação de grandes mercados e a invenção pelos banqueiros nas cidades italianas Gênova ou Florença, tiveram poderoso instrumento de dupla entrada na estruturação do desenvolvimento financeiro do capitalismo. Ao final, o racionalismo ocidental se desenvolve nos países onde emerge o capitalismo como na Holanda, onde foram exilados os filósofos René Descartes e Spinoza. Como bem disse Lefèbvre, o racionalismo tem sua culminância em Descartes, que acompanhou o fim da dominação da regra rural e a substituição do mundo dominado pelas normas urbanas (LEFÈBVRE, 1999). Este é o produto da relação entre política e vida comercial e o mercado.

Em última instância, é esta realidade urbana que sucedeu a ordem feudal. Marx mostrou como a Revolução Francesa, por exemplo, é essencialmente uma revolução burguesa que transportou todos os recursos que descrevemos acima. É claro que sua afirmação é correta, mas revela somente uma parte da realidade. Embora, de fato, seja uma revolução burguesa ela é também urbana. É a classe média urbana que é a base dessa revolução mas, são as massas populares que serão as tropas militares que farão o combate – “os sans-culottes” - como se diz na França, que foi uma das primeiras tropas das cidades da França, em Paris em particularmente.

A questão urbana é uma realidade complexa, segundo a qual se articulam um conjunto de elementos constitutivos da sociedade. Nós podemos considerar que a projeção das relações sociais no espaço, como mostrou de maneira marcante Henri Lefèbvre, (LEFÈBVRE, 1999) não são possíveis de compreender e conceitualizar.

A cidade não é somente um espaço, mas ela é também demarcada pelo tempo. Tempo inscrito no espaço através de múltiplos mecanismos. Em primeiro lugar, ela é um produto histórico, e em verdade, de muitas histórias que nem sempre são concordantes. Relação social materializada, como nós já havíamos sublinhado, ela é, portanto, produto da história e de suas relações sociais. Estas relações deixam seus traços na morfologia urbana, nos prédios, nos monumentos. Ela é também histórica do um ponto de vista da ocupação, como mostrou a Escola de Chicago. Na perspectiva histórica, a cidade é vista como inerte. Os diversos estratos, frequentemente, se justapõem, se interligam, sem realmente desaparecer. Ler a cidade, e lhe compreender, é então localizar e separar os fragmentos da história materializada.

A cidade é também uma associação de conceitos e de situações vividas. A cidade é, por sua vez, um espaço desejado, tal como planejado, ordenado, mas também resultado de uma produção “espontânea”, sendo isto particularmente visível nos países do sul e nos países emergentes nos quais o crescimento urbano é exponencial. A cidade projetada, desejada é estreitamente dependente das diferentes ideologias urbanísticas, das representações de espaço, como diz H. Lefèbvre. Enquanto uma expansão multiforme, controlada, ela tem a desvantagem de ser fruto das representações dos diferentes grupos instalados na cidade. Representações que os grupos sociais e culturais produzem em função de suas imagens ao lhes habitar. Essas abordagens são sempre contraditórias e discordantes.

Enfim, estas diferentes lógicas que se observa na cidade são evidentemente produzidas pelos atores públicos e privados. A análise da cidade deve ser assim uma análise das lógicas dos atores, de suas estratégias, dos fatores sobre os quais eles construíram suas ações, interações que eles mantêm entre si.

A cidade a partir de sua forma concreta é o resultado da combinação de diferentes lógicas. Por outro lado, o ritmo de evolução destas diferentes lógicas é, em geral, diferente. A cidade é, portanto, raramente um espaço coerente. Ela é atravessada de contradições muito complexas entre as diferentes lógicas que se combinam e se recombina sem cessar.

Quanto ao meio ambiente, novas preocupações surgiram, o desenvolvimento urbano não é uma questão puramente econômica e de mercado, é também sinônimo de equidade social, a conservação da natureza e dos recursos e finalmente uma questão, fundamentalmente, política.

A nova percepção do conceito de recursos se refere tanto a exploração racional dos mesmos quanto a sua sustentabilidade. Os atores locais são chamados a rever os seus recursos e seus objetivos para garantir maior sustentabilidade da cidade.

O NOVO URBANISMO

Hoje, planejadores urbanos contemporâneos tentam construir a lógica urbanística para pensar a cidade por meio de uma nova relação entre natureza e cultura. O conceito de *Antropoceno* terá o poder de sensibilizar a opinião pública e pôr fim ao debate entre os céticos da questão climática como os ambientalistas radicais? Este conceito tem a virtude de tirar o tema do debate moderno e pós-moderno. No âmbito do campo da urbanização se desenvolve uma abordagem que visa imaginar os fundamentos teóricos de uma visão da finalidade urbana, que estabelece uma nova aliança entre a sociedade e a natureza, isso corresponde a dissolução das categorias modernas de sujeito e objeto. Esta visão exige repensar o papel operacional dos urbanistas e dos arquitetos e, historicamente envolvidos em uma lógica de inspiração moderna, proativa, prescritiva, uniformizadora, porque, na maioria das vezes, são monofuncionalista. O *Antropoceno* sugere, em vez de uma abordagem generalista, aberta para estabelecer as condições de gênese e crescimento de uma ação híbrida, um processo colaborativo e participativo de baixo para cima, que procura uma nova modalidade de produção de conhecimento e que associa o conjunto de atores do espaço urbano. Vemos como as conexões entre as ciências sociais e ciências da vida serão necessárias para o desenvolvimento de um pensamento global, fundador de uma nova visão da arquitetura e do urbanismo. A revolução digital favorece essa reconciliação articulando os campos de conhecimento: nanotecnologia à biologia, pois ela facilita a abordagem material da arquitetura e favorece a abordagem interdisciplinar. Esse projeto de um urbanismo global nos confronta também para a questão da escala de análise entre o imóvel, o bairro, a cidade e o território, dentro de uma visão contínua do imóvel à zona urbana, comparados aos diferentes níveis biológicos, o quais também consideram a análise a partir da célula ao corpo, sem distinção entre os mecanismos vivos e não vivos. Assim, estabelece-se uma relação orgânica entre a ordem, a estrutura e a biosfera, um continuo desenvolvido em um mundo de artefatos híbridos, que não podem ser satisfeitos com uma lógica mecânica universal. Essa lógica permite de bem identificar diferentes patologias urbanas, realizando um acordo entre a geografia e a história para a identificação de diferentes patologias existentes nos centros das cidades europeias, por exemplo, notadamente, nas cidades norte-americanas, novas cidades asiáticas ou formas informais de espaços urbanos dos países do Sul. Simultaneamente, o aumento da pressão sobre as políticas ambientais promove o rápido surgimento de métodos de concepção sobre as cidades, avaliação e gestão com garantias reais ou ilusórias de objetividade. Os desafios econômicos são tais que as grandes empresas de consultoria, grandes escritórios, como grupos de tecnologia estão desenvolvendo ativamente

essas cidades modelos inteligentes.

A vontade de um controle racional e determinista, reforçada por um modo de segurança, o princípio da precaução, em busca de uma cidade fluida porque parece mais segura, é uma tentativa de lutar contra o desenvolvimento de uma sociedade incerta e imprevisível. As cidades inteligentes correspondem a uma forma de ideologia do controle racionalista moderno, incompatível com a complexidade, variedade e combinação necessária à criatividade e capacidade de resistência do urbano. A necessidade de diversidade não é somente uma dimensão social, mas também uma concepção ecológica da cidade.

Essa abordagem pode realmente ser preocupante. Podemos considerar que a confrontação com o *Antropoceno* constitui a base para novas práticas arquitetônicas e urbanísticas. Nós observamos que os desafios urbanos estão todos os dias a nos confrontar, eles não podem ser reduzidos a uma forma de governação global. O desenvolvimento urbano não pode ser pensado dentro da lógica demiúrgica que dominou o urbanismo a partir da Carta de Atenas (LE CORBUSIER, 1971). Essa ainda é uma visão estreitamente racionalista em que os cidadãos e os políticos estão a priori excluídos.

A concepção tradicional do urbanismo baseada na razão analítica do positivismo é agora mais do que nunca oportuna para pensar a cidade do futuro. Entretanto, o *Antropoceno* obriga-nos a criticar e repensar as bases de um racionalismo. O racionalismo, que foi eficaz de gerar o desenvolvimento científico e técnico, não sugere o lugar apropriado do homem no planeta para bem desempenhar seu futuro. Philippe Descola (2005) mostrou como o pensamento do Séc. XVII veio separar o homem da natureza. Esta dicotomia culmina no século XIX e o grande historiador Jules Michelet (2001) expressa sem nuances que o mundo começou uma guerra que vai acabar com o mundo; a guerra dos homens contra a natureza, já o geólogo Inglês, Charles Lyell (1830), dizia mesma coisa: não há leis fixas e constantes entre o mundo animado e inanimado, tudo foi desviado pela atividade humana.

A afirmação do *Antropoceno* radicalmente contradiz a tese de Paul Crutzen (2000), que inventou o conceito do *Antropoceno*, ele escreve: a humanidade continuará a ser uma grande força geológica durante milhares de anos. Nesse sentido, o homem é considerado parte integrante da natureza, em uma relação interativa como todas as outras espécies, o impacto é qualitativo e não somente quantitativo. Não se deve esquecer que a maioria das espécies contribuem para as mudanças no seu ambiente. Os castores, por exemplo, podem formar barreiras de bloqueios no trânsito dos pequenos rios. No entanto, ao longo do tempo, a espécie humana desenvolveu um poder considerável que lhe dá a capacidade de produzir efeitos a sua ação global (alterações climáticas) diferentemente de como fazem os castores, que atuam unicamente em nível local. Note-se, que também é a afirmação do grande naturalista Buffon, partir de 1778, quando ele disse que "toda a face da terra hoje traz a marca do poder humano", que corroborou para se atentar que a humanidade pode mudar as influências do clima. Na verdade, acho que o *Antropoceno* está realizando uma revolução epistemológica radical na medida em que se pode construir um processo complexo, no sentido que diz E. Morin (???)

Consumismo e cultura urbana

Na perspectiva que aqui desenvolvemos, posso dizer que a cidade é um grande desafio. É evidente que ela não é um processo natural. Ela surge através da criação humana. A cidade do *Antropoceno* tem uma responsabilidade considerável. Como já apontado anteriormente, ela é o local onde se decide o futuro da espécie humana e de outras espécies. É a sociedade urbana que vai determinar a trajetória futura do planeta, uma vez que ela

produziu o modelo cultural do mundo de hoje e, é, esse modelo cultural que conduz nossa espécie a um processo de autodestruição. Ele vai se expandir para todas as classes sociais das áreas urbanas no século XX, aumentando os padrões de vida. Como sempre, esse desenvolvimento é reforçado e incentivado por escolhas fundamentais, como o surgimento das grandes marcas e publicidades. No início do século XX, a maioria dos produtos não eram de marca. A marca vai transformar profundamente os mercados consumidores. Correspondentemente, a profissionalização da publicidade irá completar a estrutura do modelo cultural da sociedade de consumo. Esta publicidade produz um efeito que faz com que as massas produzam uma espécie de insatisfação perante os estilos de vida, “as massas sentem-se insatisfeitas com a feiura das coisas em torno delas”, como declarou um profissional de publicidade do jornal *Fordismo*, em 1920. O crédito ao consumidor são os vetores para facilitar a extensão desses valores em todas as classes urbanas.

A intensificação do trabalho também mudou a relação com o tempo. Essa intensificação agora precisa ser otimizada tanto no espaço doméstico como na indústria. Na indústria vão se desenvolver tarefas repetitivas, tornando os trabalhadores auxiliares das máquinas. No espaço doméstico vai aparecer novos objetos, notadamente, os eletrodomésticos que vão permitir o crescimento da produtividade desse tipo de trabalho. É uma fonte de eficiência e de libertação, das mulheres em particular, que serão os principais prescritores no processo de consumo desses objetos.

Este modelo cultural será criticado desde seu nascimento. Em 1899, Thorstein Veblen ([1899]: 1970) publica a obra “teoria do trabalho da classe de lazer”, em que ele denunciou o “consumo de ostentação” e os mecanismos de propaganda e marketing. Pode-se citar essa veia crítica na obra de Jean Baudrillard (BAUDRILLARD, 1968 e 1970). Estes trabalhos influenciaram as revoltas dos jovens das classes médias urbanas em 1968, mas não terá efeito duradouro sobre o consumidor que vai permanecer apoiado no modelo cultural predominantemente urbano. O *Antropoceno* é também a era do consumo. É um motor fundamental do crescimento e estruturação do modelo de desenvolvimento de nossas sociedades. O *Antropoceno* vai sair da sua fase destrutiva na medida em que este modelo é profundamente transformado como evidenciado por Jean Marc Jandovici (2002).

SINAIS DE MUDANÇA DO MODELO DE CONSUMAÇÃO

Durante trinta anos observamos os sinais de que as classes médias urbanas desenvolveram um estilo de vida consumista, dentro de uma lógica diferente do que havíamos observado desde 1968. Essa crítica, após esse momento, foi traduzida pelo processo de ruptura radical com o estilo de vida urbana: a instalação de áreas longe da agricultura tradicional como aconteceu, por exemplo, em Cevennes ou em Ardeche, na França. O movimento que vemos hoje não é uma rejeição total da sociedade urbana; esses novos comportamentos são integrados à sociedade e desejam continuar assim. Do ponto de vista de possíveis transformações culturais é provavelmente mais importante a integração das práticas do que uma ruptura radical como aconteceu em 1968.

A primeira mudança diz respeito a manutenção da prática da alimentação. Na França e na Europa assistimos a um rápido crescimento na demanda por produtos orgânicos, de acordo com a Agênce bio (2016): 09 em cada 10 franceses consomem produtos orgânicos, 65% dos consumidores são “Bio-regulares”, o que quer dizer que eles consomem esses produtos pelo menos uma vez por mês, 82 % dos franceses confiam em produtos orgânicos, 78% dos franceses acreditam que os produtos Bio são uma das soluções para

os problemas ambientais enfrentados no planeta, 82% dos consumidores orgânicos adotam o consumo sustentável: eles também dizem comprar produtos ecológicos feitos a partir de ingredientes orgânicos, mais de 93% dos consumidores orgânicos pretendem manter ou aumentar as suas compras de produtos orgânicos nos próximos 6 meses, segundo a Agence bio (2016). Inquestionavelmente, ocorre uma mudança no estilo de vida urbano. As consequências são, naturalmente, o aparecimento de um mercado e o desenvolvimento no mundo agrícola e da agricultura biológica em detrimento da agricultura intensiva-química.

A segunda tendência diz respeito ao surgimento da demanda ao modo de habitação com economia de energia, os denominados “eco distritos” e “cidades ecológicas”. Hoje, existem programas de “eco distritos” tanto no Canadá como na Suécia. Na França, 550 projetos estão em curso, assim como na China. Aparece uma possibilidade significativa, neste caso, uma vez que essas experiências desenvolvem e não permitem que a lógica tecnocrática se imponha como modelo sem considerar as demandas dos habitantes. O “homem moderno” de Le Corbusier é sucedido pelo “homem ambientalista.” No entanto, a experiência é interessante para articular formas de governação urbana que integram as pessoas no processo de decisão.

As tendências contemporâneas de transformação cultural urbana são interessantes porque refletem claramente um desejo de mudança apresentada por alguns atores urbanos e também por certos atores políticos. Em um sentido de governança urbana renovada é possível construir formas de alianças entre forças sociais e facções da classe política. Assim, por exemplo, na França, na cidade de Grenoble, após as eleições e a coalizão de forças políticas, os ecologistas ganharam as eleições, mesmo estando eles em condições desfavoráveis e com baixa aceitação em nível nacional, mas isso permitirá, a médio prazo, a intervenção de programas urbanos inovadores.

REFERENCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **Le Système des objets : la consommation des signes**. Éd. Gallimard, Paris, 1968.
- Baudrillard Jean La Société de consommation Gallimard 1970
- Braudel Fernand, *Civilisation matérielle, Economie et capitalisme, XVème XVIIIème siècles*
Armand Colin 1986
- Crutzen Paul J The “Anthropocene”, *Global change newsletter*, nº41, 2000
- Dennison de Oliveira, *Curitiba e o Mito da Cidade Modelo* Editora Universidade Federal do Paraná 2011
- Jancovici Jean-Marc *L'Avenir climatique : quel temps ferons-nous ?*, Éditions du Seuil (coll. Science Ouverte), mars 2002
- Latour Bruno, *Face à Gaïa* Ed. la Découverte 2015
- Le corbusier, *La Chartes d’Athènes* Seuil 1971
- Levêvre, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999
- Levêvre Henri, *O direito a cidade*, centauro editor 2001
- Lyell Charles, *Principle of geology*, vol. 1 John Murray Londres 1830
- Michelet Jules, *Introduction à l’histoire universelle* Paris Edition classics 2001(1831)
- Mitchell Timothy, *Petrocratia la démocratie à l’age du carbone*, Ere 2011
- Morin Edgar, : *La Nature de la nature* (t. 1), Le Seuil, Nouvelle édition, coll. Points, 1981

Mundler Patrich, Rouchet Juliette (ed) Alimentation et proximité Educadri edition 2016

Santos Milton, A Urbanização Brasileira, Edusp 1993

Vries de Jan, The industrious revolution, consumer behavior and the household economy, 1650 to the present, Cambridge University Press, 2009

Agence bio : <http://www.agencebio.org/>